

## A RELAÇÃO ENTRE FANTASIA E NEUROSE OBSESSIVA

### THE RELATION BETWEEN FANTASY AND OBSESSIVE NEUROSIS

Bruno Alves Macedo <sup>1</sup>

#### Resumo:

O presente artigo busca esclarecer alguns elementos fundamentais à constituição da fantasia e sua íntima conexão com a formação do sujeito, como a *fixação* da cena traumática e o efeito demonstrativo da *transferência*. Delimitando-se à particularidade da neurose obsessiva, o conteúdo inteligido na análise da fantasia servirá de base investigativa para destacar na própria estrutura da neurose *como* a fantasia nela entra em relação. Elementos também fundamentais à obsessão serão postos em destaque, como a *dúvida* e a *racionalização*. O caso paradigmático do *Homem dos Ratos* (1909) será o território de estudo sobre o qual a fantasia será concebida na sua relação com a neurose obsessiva.

**Palavras-chave:** Fantasia; Neurose Obsessiva; Homem dos Ratos.

#### Abstract:

The present article aims to clarify some fundamental conceptions that constitute fantasy in its intimate connection with the formation of the Subject, such as the *fixation* on a traumatic scene and the demonstrative effect of *transference*. Circumscribing the investigation to the particularity of obsessive neurosis, the content apprehended on the analysis of fantasy will be helpful as an investigative basis to point out in the structure of obsessive neuroses *how* fantasy gets in relation with it. Elements fundamental to the obsession will be pointed out, such as *doubt* and *rationalization*. The paradigmatic case of the *Rat Man* (1909) will be the territory of study over which fantasy will be conceived in its connection with obsessive neurosis.

**Keywords:** Fantasy; Obsessive Neurosis; Ratman.



<sup>1</sup> Psicanalista, Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Pós-Graduado em Psicologia Clínica e Psicanálise pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e Graduado e Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: [bruno\\_alvesm@outlook.com](mailto:bruno_alvesm@outlook.com), Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2355886441954925>

## Introdução

Não se trata só de que o sujeito tenha possibilidade de aceder ao real, mas de que tenha que poder aceder através de uma moldura legal. (AMIGO, 2007, p. 25)

Na intenção implicada neste artigo, reside a proposta de obter algum esclarecimento a respeito de como a fantasia, consciente e inconsciente, atua e se relaciona com a estrutura da neurose obsessiva. A fim de resolver essa proposta, toma-se a fantasia como assunto primeiro, numa exposição a respeito do seu funcionamento em geral e seus elementos fundamentais; o texto de Freud, *Bate-se numa criança*, servirá como matéria prima dessa etapa inicial. Em seguida, a neurose obsessiva, em sua estrutura e elementos fundamentais, será alvo de investigação, etapa na qual o caso paradigmático do *Homem dos Ratos* será a matéria prima. Ao abordar a neurose obsessiva, nesse caso particular, levando em consideração os pressupostos adquiridos acerca da fantasia, será analisado os momentos coincidentes entre a teoria sobre a fantasia e a teoria sobre o tratamento da neurose obsessiva, com o objetivo, portanto, de destacar a relação entre fantasia e neurose obsessiva.

## Fantasia

Para poder fantasiar de maneira neurótica, parece ser importante saber não estar delirando. Antes de trabalhar em torno de um requintado esquema teórico, podemos nos lançar intuitivamente sobre a ideia de que um sujeito adulto pode criar um mundo fantástico para si, ou melhor, a ideia de que nós podemos fazer isso – melhor ainda: a ideia de que Eu faça isso. O que significa, no entanto, uma abordagem intuitiva? Ora, intuição diz respeito à visão, a palavra origina-se justamente do termo latino *intuitus*, cuja tradução é “olhar para” (Cf. Lewis & Short, 1879). Vulgarmente, intuição possui o significado de uma “sacada” instintiva, enquanto em considerações filosóficas está relacionada à inteligência clara e distinta. Interessa aqui o sentido vulgar, portanto, sem que seja necessário agarrar a definição esclarecida do fantasiar, será suficiente notar o modo como convivemos com isso.

De fato imaginamos diversas situações irreais e até tira-se prazer delas em alguns casos, todavia, a irrealidade está sempre ecoando no fundo das criações fantásticas. Mesmo quando a fantasia é tão intensa a ponto de obstruir a visão e os outros sentidos, há ainda um retorno real, ou o eco de que toda essa construção fantasiosa é irreal. Quiçá no delírio o eco da irrealidade do mundo fantástico, ou seja, justamente aquilo que faz com que ele seja fantástico, seja opaco e inaudível. Outro termo latino auxiliar é *evidentiā*, ou seja, evidência – clareza e distinção. Filosoficamente, é claro e distinto aquilo que é *dado* imediatamente, diz-se que a realidade, seu fato, é caracterizada pela evidência. Ou seja, toda intuição da realidade é evidente. Na esteira desse raciocínio, nenhuma fantasia pode ser evidente, isto graças ao seu eco irreal. Se ecoa alguma irrealidade na fantasia, então é porque com ela pensa-se ainda a realidade. O delírio, por outro lado, sem os toques de irrealidade, deixa de pensar a realidade e reveste-se com caráter de *evidência*, uma evidência aparente porém, pois *confunde-se* com a realidade. Com isso, pode-se dizer que quem delira não fantasia, mesmo que o delírio seja um mundo fantástico. Por fim, lançamos mão da distinção freudiana, a qual é levada a

cabo com relação às diferenças entre neurose e psicose:

[...] enquanto o fantástico novo mundo externo da psicose quer se alojar no lugar da realidade exterior, o da neurose, por sua vez, gosta de se apoiar, como a brincadeira da criança, em uma parte da realidade – diferente daquela contra a qual foi preciso se defender – e lhe empresta um significado especial e um sentido secreto que chamamos, nem sempre de maneira adequada, de *simbólico* (FREUD, 2021, p. 284).<sup>2</sup>

Dito de outro modo: “aos neuróticos, no entanto, a realidade costuma não demorar a pesar” (SUY, 2022, p. 117). Todavia, é conveniente estranhar a origem da fantasia, ou seja, questionar, afinal, por que fantasiamos? Um ponto de contato para começar a desenvolver uma resposta a essa pergunta, isto é, o que mais proximamente nos diz algo sobre o fantasiar, é que no maior das vezes e por toda parte fantasiar é prazeroso. Em outras palavras, normalmente as situações criadas situam o sujeito numa “realidade” melhorada, sendo como gostaria de ser. Ora, se isso precisa ser imaginado, então talvez não possa ser realizado, caso contrário não seria imaginado, seria “real”. Na passagem supracitada, Freud fala, no caso da neurose, sobre uma realidade “contra a qual foi preciso se defender”. É isto que está em jogo aqui e aos poucos os conceitos freudianos de pulsão [*Trieb*] e recalque [*Verdrängung*] começam a se manifestar.

### **Amnésia infantil**

Recalque não é o mesmo que repressão (*Unterdrückung*). Esta última, em resumo, trata-se de um processo consciente de contenção da persistência do desejo recalçado, portanto é um movimento oriundo do Eu; o recalque, por sua vez, é um processo inconsciente (Cf. ROUDINESCO, 1998, pp. 647-649). Os derivados das pulsões sexuais, os representantes delas, são mantidos à distância da consciência para o bem funcionamento do Eu, sendo assim, são antigos prazeres “insuportáveis” para a atividade psíquica. O recalque, portanto, é um processo inconsciente que se dá na formação do sujeito, sendo assim, trata-se justamente de um saber que não se sabe ter. A repressão acontece quando o sujeito ativamente se dá conta de um pensamento desagradável e busca criar dele uma distância, isto é, quando buscamos tirar do pensamento uma ideia desagradável. O ser desagradável da ideia reprimida é normalmente a dica para a condução do tratamento na clínica psicanalítica. De qualquer modo, essas ideias ficam mais claras quando Freud expõe sua teoria sobre a sexualidade.

Historicamente, o caráter subversivo da psicanálise, traço característico do seu exercício teórico e prático – leiga distinção –, teve como principal alicerce a valorização da sexualidade infantil, cujo principal arcabouço textual encontra-se nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Nestes ensaios, Freud discorre a respeito da amnésia infantil, isto é, consequência do amadurecimento dos estímulos sexuais primitivos na criança, mais especificamente nas zonas erógenas. O corpo, na psicanálise, não se restringe ao campo biológico, trata-se de um corpo envolvido por significações, ou envolvido pela linguagem. Todavia, é delicado falar em sexualidade infantil, foi especialmente delicado no período em que Freud falou, porque ela está referida a um estágio de desenvolvimento em que a reprodução sexual está fora de circuito ou, como diz Freud, os impulsos sexuais

<sup>2</sup> A perda da realidade na neurose e na psicose (1924)

são inutilizáveis e são caracterizados pela latência (Cf. 2016, p. 81). Por esse mesmo motivo, as zonas erógenas são potencializadas e fragmentadas, a criança envolve-se por diversos estímulos espalhados, desconexos e fundamentais para a formação do sujeito adulto. A falta de sentido na sexualidade primitiva traduz-se na perversão da sexualidade infantil, isto é, impulsos puramente pulsionais ou, se preferir, *grosso modo*, impulsos instintivos cuja tendência será justamente o recalque e a repressão posterior.

Pode-se dizer que na essência da perversão dos estímulos sexuais primitivos, está também o fato de que se trata de uma auto erotização, isto é, a criança se espalha na satisfação proporcionada pelo prazer da correspondência de suas pulsões. O corpo próprio é ao mesmo tempo o princípio e o fim do prazer puramente “individual”. Exemplo clássico é a amamentação, em que a via oral realiza-se preenchida pelo seio materno, o qual será, em certo estágio, definitivamente desligado dessa relação satisfatória, será para sempre uma perda, não para a criança, mas para o sujeito adulto. Assim está exposto no artigo de Lazzarini e Viana, a respeito do autoerotismo: “um estado original da sexualidade infantil anterior ao narcisismo, no qual a pulsão sexual, ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo” (2006, p. 245).

A formação do sujeito é concomitante à formação da imagem unificada do próprio corpo, representa portanto a superação da fase auto erótica, fragmentada em pulsões satisfatórias. Aqui de fato entra em jogo o Outro. “Essa passagem da dispersão para a unidade, que possibilita a emergência do eu e do corpo, implica a passagem do autoerotismo para o narcisismo [secundário]” (LAZARINNI, 2006, p. 245). Nos trabalhos de Lacan, essa etapa pode ser identificada pela nomenclatura *Estádio do Espelho* (Cf. LACAN, 1998, p. 97). Trata-se justamente do delineamento do *infans* reconhecendo-se na imagem do espelho, a qual é autorizada pelo olhar do Outro, que do mesmo modo reconhece o contorno imagético. Fato é portanto: o eu é uma imagem e, pode-se dizer, uma imagem contraditória com relação ao antigo autoerotismo, trata-se portanto de uma *alteração*, i.e., uma alteridade com relação a um velho registro pulsional, o qual não se encerra, persiste na vida do sujeito. Este vive dividido, sem encontrar uma identificação definitiva, mas o Eu é justamente quem insiste, em sua essência, na alteridade unificada.

Precisamente no processo de perpetração do sujeito, portanto, após a “superação” da etapa auto erótica, algum traço [*Zug*] perverso persiste, um traço fundamental à pré-história do sujeito. É com relação a este resquício perverso que Freud se referiu à amnésia infantil (Cf. 2016, p. 77), pois será função do recalque e da repressão distanciar da consciência tamanha sexualidade. Outra maneira de se referir a esse momento da infância é pela ideia de *fixação*, portanto, algum ponto foi privilegiado, na medida em que o estádio do espelho se concretizou, o fez sobre a base desse momento de fixação, uma etapa “precoce”, porque trata-se da precipitação significativa de um interesse sexual concentrado em uma zona-erógena. Ao mesmo tempo, essa fixação é a primeira fagulha da construção da fantasia fundamental ao indivíduo e, por conseguinte, particular em cada caso. “Trata-se, assim, de um traço que não se desenvolve e que, enquanto satisfação auto erótica, persiste como resíduo” (CARREIRA, 2009, p. 159).

### **Bate-se numa criança**

No seu texto *Bate-se numa criança*, de 1919, Freud se dedicou a estudar as etapas de formação da fantasia fundamental, sendo assim, será produtivo levantar aqui algumas considerações feitas nesse escrito. No seu estágio inicial, a fantasia está relacionada diretamente com o traço perverso da sexualidade infantil, este é caracterizado por uma escolha do objeto de amor, objeto este que é essencialmente incestuoso. Este é um dos motivos pelos quais pode-se referir à sexualidade infantil como algo precoce, pois, além da ausência de sentido para a prática sexual, o objeto de amor é incestuoso, portanto, demasiadamente infantil por causa do vínculo forte com o pai ou a mãe. No caso das fantasias de espancamento, Freud notou que os pacientes relataram uma cena na qual o pai (no caso dos relatos feitos por mulheres) espancava uma criança indefinida, porém, certamente distinta da autora da fantasia. Motivo este pelo qual Freud retratou esse estágio inicial como aparentemente *sádico* (Cf. FREUD, 2021, p. 130), mas não ainda, será na verdade a base para o estágio formalmente sádico e posterior da fantasia concreta e, nesse contexto, ele conclui: o sadismo ligado a essa fase primeira diz respeito à convivência da criança que fantasia com outras crianças, contra as quais ela deve proteger o amor do pai, a quem ela almeja com exclusividade, sendo assim, “[q]ue o pai bata nessa criança odiada é, portanto, uma representação agradável, independentemente de ter sido visto batendo. E significa: meu pai não ama essa outra criança, *ele só ama a mim*” (FREUD, 2021, p. 133, *grifos do autor*).

É importante notar, porém, que esse estágio não pode ainda ser definido como definitivamente fantasioso, pois a cena de fixação com o pai, nesse caso, pode ser uma cena vivida ou não, i.e., pode ser uma lembrança de fato. Além disso, o vínculo genital também está presente de maneira periférica, ou seja, não se trata ainda de um prazer masturbatório, e a conexão sexual que a criança tem com o objeto de amor tem mais a ver com a palavra e com a intimidade, por exemplo nos casos em que dormem [a criança e o pai] ou fazem necessidades juntos. Mesmo assim, a excitação genital já se faz presente. Esse momento precoce, infantil e prematuro, sofrerá, por conseguinte, o recalçamento. Nisto fica dado a semente que irá germinar a fantasia. Assim a culpa tem sua devida emancipação, isto é, através do recalçamento daquele amor originário, pois, no próximo estágio da fantasia analisada por Freud, a autora da fantasia assume o posto de criança espancada. Este momento sim é fantasioso, nunca existiu, formou-se portanto a partir daquele estágio inicial acima descrito.

Dessa forma, a fantasia da segunda fase – ser surrado pelo próprio pai – se transforma em expressão direta do sentimento de culpa, diante do qual sucumbe agora o amor pelo pai. Portanto, a fantasia tornou-se masoquista; pelo que sei, é sempre assim: o sentimento de culpa é o fator que transforma o sadismo em masoquismo (FREUD, 2021, p. 135).

A excitação libidinal da fantasia será, a partir desse momento, descarregada pelo novo direcionamento dado à passagem do amor incestuoso ao nível inconsciente, portanto, trata-se de uma etapa culposa e masoquista, esta segunda fase da fantasia pode ser ou não inconsciente ela mesma, enquanto a primeira etapa torna-se de fato inconsciente. Para a terceira e definitiva fase da fantasia, um fator fundamental se manifesta, a substituição das personagens, i.e., o pai é substituído por outras figuras de autoridade, para a criança a figura do professor é a tendência. Neste estágio, a autora da fantasia distancia-se da cena e se torna a espectadora, não participante. É preciso retomar porém o fato de que a fantasia de

espancamento até aqui considerada é proveniente de casos freudianos majoritariamente reservados a mulheres. Isto posto, a terceira fase da fantasia se reveste de uma aparência sádica, pois trata-se de observar uma cena de espancamento, porém, Freud ressalta que o conteúdo libidinal segue sendo o mesmo que foi recalcado e revestido pela culpa, portanto, a fantasia continua, no fundo, masoquista (Cf. FREUD, 2021, p. 137).

Nos casos masculinos das fantasias de espancamento, Freud evita paralelismos com os casos femininos, pois ele elencou apenas dois estágios da fantasia nos homens. O primeiro, fundamentalmente inconsciente, é oriundo da relação incestuosa com o pai, na qual o autor da fantasia assume posição passiva de ser amado. Em seguida, através do recalçamento, a regressão culposa pela qual o sujeito passa leva a formação masoquista definitiva da fantasia, na qual o autor da fantasia é espancado pela mãe (Cf. FREUD, 2021, p. 146). É notável portanto que em ambas as etapas da fantasia, nos casos masculinos, o sujeito assume posição passiva, além disso, são casos que sequer aparentam sadismo.

A partir das considerações freudianas, pode-se aduzir algumas proposições estruturantes. Há uma cena primordial que, nos casos neuróticos, sofre recalçamento, o qual preenche esse conteúdo primário com o sentimento de culpa, gerando assim uma fantasia efetiva, pois a cena original será alterada para uma vertente masoquista. Mesmo que Freud já considere, nos casos masculinos, que, desde o princípio, a fantasia possui caráter masoquista, a aderência da culpa ao conteúdo recalcado é um marco definitivo, pois é a partir disso que a realidade psíquica do sujeito assume seu potencial máximo. Por conseguinte, é justamente essa realidade psíquica [*Realität*] que se busca fazer aparecer no tratamento psicanalítico. De acordo com Elizabeth Spillius,

[n]a perspectiva de Freud, o motivo básico da força de produção da fantasia é um desejo inconsciente cuja realização está bloqueada, a fantasia é uma expressão disfarçada e uma realização parcial desse desejo inconsciente (SPILLIUS, 2001, p. 362, *tradução nossa*).<sup>3</sup>

Uma vez que a fantasia se torna consciente, um passo importante é dado, pois, em resumo, “[...] as fantasias se constituem como algo a ser atravessado, para que se chegue às lembranças traumáticas” (ABEL, 2011, p. 49). Isto posto, fica claro como “[n]ão é, pois, o passado que é traumático, mas a lembrança do passado a partir da experiência atual” (LAZZARINI, 2006, p. 244). Ou seja, é justamente a *lembrança* encoberta a origem de onde flui o trauma, pois o recalçamento, nunca absoluto, deixa escapar algo do conteúdo traumático, o qual sofre alterações e segue tendo fortes implicações no sujeito, justamente, como lembrança, no entanto, alterada pela fantasia. O masoquismo perpetrado por esse processo irá reverberar na vida do sujeito e principalmente em suas experiências sexuais. É nesse sentido que o traumático é a experiência atual do conteúdo recalcado.

Ao conteúdo teórico das considerações feitas até aqui, ligam-se dois conceitos fundamentais à psicanálise: *transferência* e *repetição*. Estes conceitos estão intimamente ligados ao conteúdo da fantasia. No contexto analítico, sabe-se que o(a) paciente irá criar uma relação com o(a) analista, relação esta que irá

---

<sup>3</sup> “In Freud’s view the basic motive force for phantasy formation is an unconscious wish that is blocked from fulfillment, and the phantasy is a disguised expression and partial fulfillment of this unconscious wish”.

ordenar todo o processo do tratamento, pois o caráter da relação transferencial é, em seu fundo, uma repetição.

Como tudo o que é da ordem do inconsciente *insiste*, aquilo que no campo pulsional não foi satisfeito e ficou reprimido tende a retornar e exigir satisfação. Nesse sentido, é esperado que o paciente, sob as condições favorecidas pelo dispositivo analítico, vá buscar o caminho da gratificação não promovida no passado e tentar resolver suas demandas afetivas insatisfeitas (o reprimido infantil), *reatualizando-as* perante a figura do analista (SANTOS, 1994, p. 22, *grifo do autor*).

Note, seguindo a exposição do trecho supracitado, que se trata de uma estrutura semelhante ao procedimento da fantasia, isto é, sabe-se que há uma força pulsional contínua, portanto, a chama da cena recalcada não é por absoluto extinguida. A fantasia, pode-se dizer, é uma atualização sintomática da cena traumatizante, o caráter essencial dessa atualização é esconder o conteúdo original, todavia, a persistência libidinal do conteúdo original faz com que a fantasia seja, justamente, sintomática. A partir dos casos estudados por Freud, nota-se como as modificações provocadas pela estrutura da fantasia, com relação ao conteúdo original, implicam na substituição dos integrantes originais. Essa nova versão terá suas implicações na vida do sujeito, pessoas servirão, em certo sentido, como personagens da fantasia, pois o sujeito irá repetir em suas relações o mesmo conteúdo motor do seu trauma.

O padrão que o paciente imprime à sua transferência com o analista é determinado por sua neurose, sendo, aliás, um componente da mesma. Daí a importância da inclusão da transferência dentro do quadro teórico geral da formação dos sintomas neuróticos, que proporcionam satisfações substitutivas para os impulsos libidinais reprimidos (SANTOS, 1994, p. 24).

No contexto analítico, a repetição libidinal do sujeito é proveitosa ao analista, pois justamente o modo como o paciente irá se colocar com relação ao analista será reflexo explícito da carga oriunda daquilo que interessa vir à consciência, mas permanece recalcado. Cabe aos analistas saber fazer o manejo clínico da situação fantasiosa.

Subsequentemente à exposição até aqui desenvolvida, fica claro como é fundamental que ocorra, para o surgimento da neurose, um distanciamento da realidade, i.e., uma tentativa de restrição da força pulsional. Todavia, Freud afirma: “[e]la consiste [a neurose] muito mais nos processos que fornecem uma compensação para a parte prejudicada do Isso, portanto, na reação contra o recalçamento e no fracasso deste” (FREUD, 2021, p. 280). Os traços característicos da neurose se fazem explícitos justamente nos efeitos sintomáticos – em especial a fantasia – resultantes da tentativa falha de dispensar a realidade, tentativa esta atingível na psicose. Isto posto, é justamente o caráter insuficiente da fantasia que a distingue do delírio, pois mesmo que ela represente um contexto artificial no qual o sujeito pode “realizar” seu desejo, o trabalho psicanalítico acaba por explicitar a artificialidade do mundo fantástico e, por isso, a repetição e a transferência são ferramentas essenciais para atingir esse objetivo. O delírio, ao que parece, não é passível de ser demonstrado ao sujeito como uma construção artificial. Vide a colocação: “[e]ste é um fato estabelecido, amiúde invocado para distinguir de maneira elementar a psicose da neurose: aí onde o psicótico é soberano, o

neurótico vacila” (CÂMARA, 2015, p. 160).

## Neurose obsessiva

### *Características Fundamentais*

A fim de introduzir a neurose obsessiva [*Zwangsneurose*], pode-se lançar mão de algumas características marcantes dessa via de adoecimento psíquico. A seleção dessas características, longe de ser arbitrária, terá sua devida justificação com base no caso do *Homem dos Ratos*.

No artigo *A Neurose Obsessiva ou o Melhor dos Mundos*, Mario Fleig e Conceição Beltrão delimitam um fio condutor do funcionamento dessa neurose: “a separação entre a função intelectual e o processo afetivo” (1999, p. 72). Fio condutor porque é justamente essa a via – contramão – pela qual o paciente busca resolver sua realidade ao mesmo tempo que se distancia do desejo, é também a mesma via – na direção certa – que serve ao analista para destacar, nas proposições intelectuais, o desejo “escondido” e trazê-lo ao tratamento. Como principal causador da desvinculação afetiva, destaca-se a *racionalização*. Trata-se de uma abordagem rigorosamente lógica dos sintomas, que para o sujeito são infundados. Porém, esse “rigor” lógico tem um resultado inconsequente, isto é, trata-se unicamente do racionalizar, pois, se seu resultado esperado é a resolução das dúvidas e das ideias obsessivas, a isto o paciente racionalmente nunca chega.

Certamente outro instrumento sintomático fundamental à neurose obsessiva é a *dúvida*. Naturalmente, junto ao processo de racionalização, no qual o sujeito acaba por se enveredar num processo irresoluto de distinções sobre sua condição psíquica, a dúvida faz aí um papel basilar. “No contexto geral da narrativa que compõe o modelo das neuropsicoses de defesa, a dúvida é uma forma de recusa do sujeito a entrar em contato com a violência que o fundou” (FREUD, 2015, p. 163). O recalcado retorna, e a repressão, atividade de prontidão para livrar o Eu das representações oriundas da cena primordialmente recalçada, nem sempre consegue efetivamente afastar esse retorno muitas vezes arrebatador. A dúvida porém pode *questionar* o fundo real das persistentes representações do recalcado, sendo portanto uma forma aparentemente segura de se abrigar no pensamento. É importante destacar como essas características da obsessão, a racionalização e a dúvida, surgem como oferta de resolução, mas sua entrega na verdade é a *insolubilidade*, pois é nela que se localiza a *inibição*. E é justamente no caso do *Homem dos Ratos* em que Freud explicita a relação entre inibição e dúvida (Cf. 2015, p. 164). De maneira resumida, o resultado da dúvida como sintoma é a inibição da ação. A tentativa de resolução intelectual da situação psíquica do sujeito, portanto, um movimento contrário à ação, impele ao ato de fantasiar, pois, visto que a ação nunca acontece no pensamento, pois ela precisa estar implicada na realidade empírica, o sujeito é levado a fantasiá-la, já que está inibido com relação à realização da ação, esta que resolveria as querelas. Mas é justamente o retorno do recalcado, portanto, a persistência da pulsão e o aparecimento dos seus representantes, que leva o sujeito à “trava” psíquica proporcionada pela dúvida. Donde Leonard Câmara e Regina Herzog concluem:

Desta forma, o processo de pensar verte-se, regressivamente, ao registro do autoerotismo, posto que busca satisfazer-se em si mesmo. Como consequência,



há o estabelecimento de um circuito fechado de satisfação, no qual a relação objetual é prescindida e as capacidades volitivas e executivas do sujeito, restringidas (2015, p.166).

Pensar, para o sujeito marcadamente neurótico obsessivo, é um ato masturbatório.

## O homem dos ratos

Ernst Lanzer chegou ao seu tratamento com Freud apresentando o seguinte quadro, considerado como o conteúdo principal de sua doença, “*temores* de que aconteça algo a duas pessoas que muito ama, o pai e uma dama da qual é admirador” (FREUD, 2016, p. 17, *grifos do autor*). O contexto inicial ao qual o leitor do caso é introduzido, apresenta um paciente com uma *vida sexual pobre*, que recorre ao tratamento freudiano especialmente em uma fase cujas relações sexuais são raras (Cf. FREUD, 2016, p. 17); informação esta que se segue ao dado de que Ernst tentou antes um tratamento por hidroterapia, onde obteve resultados positivos, no entanto, Freud logo adverte ao leitor: “mas isso, talvez, por lá haver conhecido uma mulher com quem teve relação sexual regular” (FREUD, 2016, p. 17).

Com base na anterior exposição, acerca da fantasia, destacou-se o caráter basilar da *sexualidade infantil* e, justamente por ser infantil, sua eventual amnésia. Ao mesmo tempo, destacou-se certa persistência da pulsão e sua origem recalçada, algo que podemos livremente chamar como uma persistência do infantil no sujeito formado. É precisamente isso que está em questão quando Freud direciona a análise do caso para a sexualidade infantil do paciente, ela não apenas é infantil porque tem origem na infância, mas também porque *permanece* infantil. O recalçamento é o recalque de uma *fixação*.

As lembranças da precoce experiência sexual do paciente, conforme relatada na exposição de Freud (Cf. 2016, p. 20), traz um período no qual ele tinha seis ou sete anos de idade e era tomado pelo desejo de ver mulheres nuas, desejo este em certa medida realizado com governantas com as quais conviveu naquele período. Todavia, ainda na infância, o paciente relata que seu desejo voluptuoso era sempre acompanhado, ou melhor, *seguido*, por um temor, em especial o temor de que seu pai morreria. Isto posto, Freud descreve: “um instinto erótico e uma revolta contra ele, um desejo (ainda não obsessivo) e um temor (já obsessivo) que a ele se opõe, um afeto penoso e um impulso a atos de defesa; o inventário da neurose está completo” (FREUD, 2016, p. 23).

Aí está, de acordo com Freud, o princípio da doença, portanto, um afeto penoso e a revolta contra ele. A tese freudiana é a seguinte: o temor obsessivo do paciente é resíduo de vivências recalçadas antes do sexto ano de vida (Cf. FREUD, 2016, p. 24). Trata-se de que o paciente reivindique justamente as vivências que sofreram a amnésia infantil.

O motivador para a busca do tratamento, por parte de Ernst Lanzer, acontece quando ele, em uma marcha militar, perde seus óculos (pincenê).<sup>4</sup> As consequências desse fato resultam na repetição do antigo temor infantil. Isto

---

<sup>4</sup> Destaca-se o detalhe de que, mesmo que os óculos tenham sido perdidos ao longo da marcha, o fato é que Lanzer escolheu a perda, pois, segundo seu relato, ele podia tê-los encontrado sem dificuldade (Cf. FREUD, 2016, p. 25).

acontece quando, em uma discussão com um *capitão de sobrenome tcheco*, o qual tinha apreço por crueldades, Lanzer escuta dele a descrição de um método de tortura conhecido como suplício dos ratos. Assim, nessa ocasião, o paciente relata a ideia que lhe ocorrera, de que a cruel tortura era aplicada a uma pessoa amada. Aqui tem-se um traço da fantasia do paciente, um traço consciente, mas que remete certamente a sua fantasia fundamental e inconsciente, logo veremos o porquê.

Na segunda sessão, Freud descobre que, na verdade, duas pessoas amadas são vítimas da tortura na fantasia do paciente, uma mulher com a qual estava envolvido na época e o pai, o qual já havia falecido. Além disso, trata-se de uma tortura aplicada na fantasia da maneira impessoal, i.e., a tortura não é aplicada pelo autor da fantasia.

A relação entre a perda dos óculos e o capitão cruel se dá porque este recebeu os novos óculos encomendados e os entregou a Lanzer. Todavia, o capitão transmite a seguinte ordem infundada: “O primeiro-tenente A. pagou o reembolso; você deve dar-lhe o dinheiro” (FREUD, 2016, p. 28). Isto levou o paciente, na época, a proferir para si mesmo o seguinte juramento: “*Você tem que pagar as 3, 80 coroas ao primeiro-tenente A.*” (FREUD, 2016, p. 28, *grifos do autor*). No decorrer do relato, o leitor descobre que o primeiro-tenente A. não pagou para retirar os óculos do correio, foi na verdade o primeiro-tenente B. Isso levou Lanzer a incorrer em um complicado planejamento para achar alguma maneira de realizar a premissa do seu juramento, o qual se mostrou frustrado, pois não era ao primeiro-tenente A. a quem ele estava devendo. Ao longo das sessões, o desfecho cronológico das complicações pelas quais o paciente passou na época, para cumprir seu juramento, independentemente dos fatos, mostrou que ele havia omitido para si mesmo uma valiosa informação. Antes de receber a ordem infundada, vinda do capitão cruel, Lanzer se encontrou com uma pessoa que lhe informou que a própria funcionária do correio, a qual confiava em Lanzer, pagou pela taxa. Isto significa que a resolução do problema era que o paciente não estava devendo para nenhum dos primeiros-tenentes, ele só precisava ir ao correio para restituir a funcionária que lá trabalhava.

Esse foi um resumo dos fatos implicados no período em que as ideias obsessivas se tornaram altamente disfuncionais na vida de Ernst Lanzer, trata-se de um resumo grosseiro para situar o leitor na conjuntura geral dos fatos. Ao longo desta exposição, detalhes fundamentais ao desenvolvimento teórico de Freud, que foram dispensados nesse primeiro momento, serão levantados e situados de acordo com a narrativa.

Subsequentemente, destaca-se três momentos em que o desejo pela morte do pai se manifestaram durante o tratamento de Ernst Lanzer: (1) aos doze anos teve um amor não correspondido e supôs que a garota o amaria caso ele perdesse o próprio pai, portanto, a partir de um infortúnio em sua vida; (2) outra ocasião em que percebeu a impossibilidade de realizar seu amor por uma dama, devido a fatores financeiros, considerou que a morte do pai traria para ele uma herança razoável a ponto de poder se relacionar com a dama em questão; (3) no dia anterior à morte do seu pai, Lanzer havia concebido novamente a ideia de perder a pessoa que lhe fosse mais cara, ao que ele conclui que seria seu pai. Em comum a esses três momentos, além da ideia da morte do pai, o paciente relatou *repressões* que de imediato seguiam a concepção da ideia. Neste ponto, Freud aplicou a tese de que a ideia da morte do pai se tratava de um *desejo* reprimido, para demonstrar isso, ele parte de dois pontos: (1) em nenhum momento o paciente exprimiu

diretamente querer a morte do próprio pai, mas se reprovou como se o tivesse expressado tal desejo; (2) Lanzer expressou temer profundamente a possibilidade de desejar a morte do pai, em especial devido ao grande amor que ele sente pelo pai, ao que Freud propõe: “esse medo corresponde a um *desejo* antigo, agora reprimido, de modo que devemos supor justamente o contrário do que ele assevera. Isso também se harmoniza com a reivindicação de que o inconsciente seria o exato oposto do consciente” (2016, p. 40).

Por fim, Freud direciona o tratamento, a partir do desenvolvimento da história do paciente, à hipótese de que a fonte do ódio recalcado de Lanzer em direção ao seu pai é oriundo “de apetites *sexuais*, e nisso ele [Lanzer] percebeu o pai como um *estorvo* de algum modo” (FREUD, 2016, p. 42, *grifos do autor*). Este último caso se justifica precisamente porque o desejo pela morte do pai se manifestou nas ocorrências em que o paciente encontrava-se amorosamente direcionado a alguma mulher.

Ao que Freud se refere como a *causa do adoecimento* do paciente no caso do *homem dos ratos*, é o relato dado por este último quando, em certo momento da sua vida, lhe acometeu a oportunidade de se decidir entre o casamento com uma mulher rica e uma mulher por ele amada e cuja condição material era humilde. Descobre-se que um caso semelhante havia ocorrido ao seu pai, evento do qual o paciente tinha conhecimento, portanto, o pai do paciente havia desejado outra mulher, mais humilde, antes de se casar com a mãe de Lanzer. Isto resultou em um conflito para o paciente, isto é, seguir os passos do pai ou escolher a mulher pela qual era apaixonado. “E esse conflito, que era, de fato, entre o seu amor e a persistente vontade do pai, ele resolveu adoecendo, ou, melhor dizendo: ele subtraiu-se, mediante a enfermidade, à tarefa de resolvê-lo na realidade” (FREUD, 2016, p. 60). Justamente a não resolução de um conflito na realidade é a via predileta de adoecimento por parte da neurose obsessiva, pois é a via fácil em direção à racionalização e, por conseguinte, à predileção pela fantasia. Isso ficará claro no decorrer desta apresentação.

### *A resolução do caso*

Sem poder escapar de seu próprio destino, o paciente de Freud, como fica exposto na descrição do tratamento (Cf. 2016, p. 62), encontrava-se em uma identificação com o próprio pai. No núcleo dessa identificação reside um conflito entre o desejo de Lanzer e a vontade do pai. Antes de aprofundar na identificação, é importante reforçar que é constitutivo ao histórico do paciente desse caso a oposição feita e também representada por seu pai em relação a sua sexualidade. Isso se manifestava, pelo relato de Lanzer, nos momentos em que ao se masturbar se sentia profundamente envergonhado, fator que o levou a se masturbar somente em momentos que se deparava com alguma cena bela e virtuosa. Freud chega a levantar a hipótese de que “quando criança, aos seis anos de idade, ele [o paciente] incorrera em alguma má conduta sexual relacionada à masturbação e fora então sensivelmente castigado pelo pai” (2016, p. 66).

E de fato o pai de Lanzer o surrava e possuía um temperamento irascível. Numa cena especificamente marcante, ele se recorda de quando o pai o surrou pela última vez e, sem poder se lembrar do motivo, obteve pelo relato de sua mãe o provável motivo de que ele havia mordido alguém. De qualquer modo, a transferência, fundamental ao tratamento, surge aqui para reforçar justamente seu

caráter demonstrativo. Pois, a suposição verossímil de que Lanzer sentiu na infância um profundo ódio do seu pai, só se tornou aceitável para ele deparando-se com seu próprio comportamento em relação a Freud. Sonhos e pensamentos de ódio direcionados a Freud, bem como pensamentos de admiração puderam representar o mesmo conflito por ele vivido em relação ao pai. Por fim, o mais importante elemento dessa demonstração transferencial vem do próprio paciente: “ele mesmo encontrou a explicação mais pertinente de que se afastava de minha proximidade por medo de que eu o surrassse” (FREUD, 2016, pp. 70-71). A ambivalência entre amor e ódio com respeito a um mesmo objeto, bem como a formação edípica – comum em casos de meninos – do pai como figura de *estorvo* do gozo, fica bem apresentada no artigo de Câmara e Herzog

O objeto pelo qual a ambivalência desempenha um papel organizador da subjetivação obsessiva refere-se à figura paterna. Segundo o modelo edípico, o pai representa o índice fundamental de interferência do gozo sexual do sujeito; o ódio é uma reação específica do sujeito obsessivo à interdição sexual estabelecida pelo objeto paterno (2015, p. 166).

Em sequência, a identificação do paciente com seu pai se deu em vários momentos específicos, no entanto, retomando o ponto alto do começo do agravamento dos sintomas obsessivos, ocorrência esta que se deu com a fala imperativa do *capitão cruel* cujo conteúdo foi a menção ao suplício dos ratos e o destaque de que Lanzer devia reembolsar o primeiro-tenente A. Ao longo do tratamento, descobre-se que o pai de Lanzer era um *Spielratte* [rato de jogo] e que certa vez perdeu dinheiro em uma partida. Sem poder pagar, obteve o dinheiro emprestado de um colega, com quem ficou em débito (Cf. FREUD, 2016, p. 72). Outro elemento relevante de identificação diz respeito à informação recebida por Lanzer e inicialmente esquecida de que a funcionária do correio havia pago a taxa por ele e confiado que eventualmente seria por ele restituída. Isto, na interpretação freudiana, fez com que o paciente retomasse o mesmo conflito pelo qual o pai passou quando ficou entre duas mulheres, sendo uma delas a mãe de Lanzer. Isto acontece porque, coincidentemente, na mesma região em que estava a funcionária do correio, havia outra mulher que havia demonstrado interesse por Lanzer, donde ele recriou o mesmo cenário do pai, ou seja, escolher uma entre duas mulheres.

Para Freud, o significante-estopim para o adoecimento veio com a palavra “ratos”, do suplício, a partir disso várias recordações e significações representativas foram feitas por Lanzer. A análise exposta por Freud com respeito às significações simbólicas lançadas pelo termo *Ratten* [ratos] é complexa e sua devida apresentação aqui não cabe. Por outro lado, a conclusão apresentada pelo autor, esta cabe:

Quando o capitão falou do suplício com os ratos, na tarde em que desapareceu o pincenê, o paciente ficou impressionado apenas com a natureza cruel e lasciva da situação narrada. Mas logo se estabeleceu o vínculo com a cena infantil em que ele mesmo havia dado mordidas. O capitão, que era capaz de defender castigos assim, tomou para ele o lugar do pai e atraiu para si uma parte da animosidade que irrompera contra o pai e que então retornava (FREUD, 2016, p. 79).

Isto posto, ferir o caráter do pai, para Lanzer, foi excessivo, algo que ele fez quando inconscientemente sabia que a informação que o capitão cruel lhe passou estava errada, pois direcionou ao capitão o mesmo ânimo de insultos que uma vez

havia direcionado a seu pai, também impulsionado por conta do caráter cruel agregado ao capitão.

## Conclusão

Na neurose, parece ser um horror odiar a quem tanto ama. No caso da obsessão, em específico, o agravamento da problemática se dá na racionalização (inconsequente), ou seja, espera-se organizar as coisas em acordo com a bela imagem do Eu, a saber, lugar onde se supõe que tudo está em conformidade. Logo quando esse Eu aparece como um estranho, o sujeito provavelmente adocece. De certo modo foi isso o que ocorreu a Lanzer em sua infância e se repetiu na vida adulta como transferência em relação ao capitão cruel. Ou seja, foi excessivo para ele sentir ódio com relação ao seu pai, alguém que lhe era muito próximo e por quem sentia muito amor. Todavia, Freud explicitou que o sentimento de ódio foi excessivo para Lanzer porque estava diretamente relacionado com suas vontades sexuais.

Para entender a atuação da fantasia no caso do *homem dos ratos*, vamos partir do que seria o princípio do adoecimento, ao que podemos nos referir como a disfuncional regressão ao pensamento. O conflito que lançou o paciente ao adoecimento é um conflito antigo, isto é, já vivido por ele na sua infância, é também a origem da fantasia. Freud assim descreve: “uma escolha conflituosa entre pai e objeto sexual” (2016, p. 99). Justamente essa hostilidade contra o pai foi uma fixação para Lanzer, especialmente por conta da carga libidinal envolvida e também pelo inerente conflito entre amor e ódio. A saber, um conflito que surgiu na infância e repercutiu na fase adulta quando Lanzer tomava uma decisão amorosa, logo a reprovação do pai o colocava numa situação conflituosa da qual o paciente se abstinha de resolver. É notável inclusive como os momentos mais agudos da obsessão de Lanzer são períodos em que a atividade sexual é ausente e sua libido encontra-se elevada, e era justamente nessas condições em que ele se encontrava quando buscou o tratamento com Freud.

Com isso, pode-se trazer um fator importante da neurose obsessiva, que é a predileção pela fantasia. Veja:

Tornam-se obsessivos aqueles processos de pensamento que (devido à inibição resultante do conflito de opostos no extremo motor dos sistemas mentais) se realizam com um dispêndio de energia -- tanto qualitativa quanto quantitativamente -- que normalmente é destinado apenas às ações, ou seja, *àqueles pensamentos que têm de representar atos regressivamente* (FREUD, 2016, p. 108, grifos do autor).

Visto que a situação conflituosa para Lanzer era traumatizante, algo que implicou na inibição da resolução, muitos sintomas obsessivos surgem como auxiliares à regressão, sintomas que já comentamos, como a *dúvida* e a *racionalização*. Naturalmente, a situação conflitante entre amor e ódio, oriunda de uma fixação recalcada na infância, leva o sujeito adulto obsessivo à inibição pela dúvida, pois, de acordo com Freud, todas as tentativas amorosas serão inibidas pelo ódio inconsciente a elas contraposto (Cf. 2016, p. 103). E neste ponto é agravante o *deslocamento* pelo qual passa a constante pulsão do desejo pela morte do pai, no caso de Lanzer, pois, visto que tal desejo sofreu recalque na infância, então as ideias obsessivas e todos os conflitos psíquicos do paciente são coloridos pela origem

traumática. Algo que implica em dois fatores: (1) o aparente desligamento entre o afeto penoso do desejo indesejado e as ideias conscientes em geral; (2) a extensão da não resolução do conflito original para outros conflitos da vida consciente.

Nesse caso, assim como Édipo de Sófocles buscou de todas as maneiras se desviar do seu próprio destino, o paciente obsessivo busca por toda parte resoluções racionais para o encerramento de suas obsessões, sem poder fazer a ligação entre a origem afetiva e o material consciente das ideias. Como diz Freud: “o pensamento substitui o agir, e algum pensamento preliminar ao ato se impõe com obsessiva veemência, no lugar da ação substitutiva” (2016, p. 106). Outro fator que impulsiona o sujeito a evitar ação substitutiva é precisamente que fantasiar é prazeroso.

O diálogo com o capitão que relatou o suplício dos ratos foi onde a estrutura da realidade psíquica do paciente veio à superfície, ou seja, quando ele imagina a tortura sendo aplicada a uma pessoa amada. Esta cena consciente, certamente dotada de um caráter sádico, é novamente um eco bem formado de uma cena esquecida na infância. Portanto, aplica-se um castigo ao próprio pai, cena esta que leva o paciente justamente a se recolher no pensamento, pois a imagem era para ele insuportável. A obsessão é uma punição rigorosa, donde sua essência masoquista. O caráter originário da fantasia de Lanzer, porém, se manifesta principalmente através da transferência, pois ele reproduz tanto com Freud quanto com o capitão o mesmo ódio que sentiu do seu pai. Isto evidencia a regência que a fantasia pode ter na vida do sujeito, como ela está diretamente ligada à cena primordial (recalcada) e sua importância para o tratamento, pois é pelo entendimento dela que pode-se abrir para o paciente o alívio da obsessão.

A atividade é certamente uma pretensão no tratamento. *Grosso modo*, espera-se que o paciente possa resolver seus conflitos na realidade. Um bom exemplo a esse respeito encontra-se na parte em que o paciente relata resolver algumas de suas querelas através do acaso, inclusive como se fossem decisões divinas. Quando o paciente relata ter feito uso desse “acaso divino”, Freud afirma que cria-se desse modo um “*fait accompli* [fato consumado] que muito o aliviou” (2016, p. 31, *grifo do autor*). No entanto, a necessidade de buscar um acaso especial em detrimento da própria ação apenas destaca a sintomática da obsessão.

A partir das considerações feitas, pode-se estabelecer um nexo da fantasia na neurose obsessiva. Ela tem sua origem na fixação de uma cena traumatizante na infância, a qual, no caso de Ernst Lanzer, caracterizava-se pelo ódio ao pai amado, que era um estorvo para a satisfação sexual da criança. Em muitos casos, posteriormente relatados a Freud, Lanzer encontrou em sua vida semelhantes situações conflituosas entre seu desejo amoroso e a colocação do pai. Todavia, é no seu período de serviço militar e através do significante *Ratten* quando ele sofre um adoecimento disfuncional. Nesta situação, tem-se a cena fantasiosa do suplício dos ratos, a qual no fundo constitui a concretização do desejo de que seu pai morra, seguida pela forte reprovação, esta que o fez incorrer em dúvidas e planejamentos extremos com respeito à resolução da dívida. A fantasia forma-se, portanto, pelos elementos essenciais da transferência, retorno do recalcado e imaginação penosa do desejo indesejado. É importantíssimo ter em mente quando Freud nota no paciente a expressão “*de horror ante um prazer seu que ele próprio desconhecido*” (2016, p. 27, *grifos o autor*), ao ouvir o relato de Lanzer sobre como funciona o suplício dos ratos. Esta colocação de Freud diz respeito à tese de que a fantasia é a realização do desejo recalcado.

Apesar da relevância que a ocasião com o capitão cruel possui no caso do homem dos ratos, pensamos que é aconselhável ter em mente o acontecimento que precede esse encontro. Quando Lanzer perde seus óculos, ele opta por deixá-los para trás a fim de não atrapalhar a marcha, quando, levando em consideração os dados textuais, recuperar os óculos, nessa ocasião, teria sido a decisão menos trabalhosa. A realidade parece de fato ser algo que a neurose obsessiva busca evitar; optar pela via complicada, nessa situação, parece ser um prenúncio à regressão que se seguiria com a cena dos ratos.

A fantasia é o eco de um trauma que, é claro, não pode ser desfeito. Curiosamente, é valioso que o seja um “mal” necessário, pois, sem o trauma, não haveria neurose, acabaríamos por querer arrancar os próprios olhos à maneira do trágico Édipo. A manutenção da fantasia na clínica é uma via para a redução do sofrimento. O analista ou a analista que relegar o caráter fantástico da fala do paciente provavelmente está fadado ao fracasso do tratamento. Mas a fantasia acaba? Não. O orgasmo é a única angústia cujo fim é justificável.

## Referências

ABEL, Marcos Chedid. Verdade e Fantasia em Freud. In: *Ágora*. Rio de Janeiro, Vol. XIV, n. 1, p. 47-60, 2011.

AMIGO, Silvia. *Clínica dos Fracassos da Fantasia*. Trad. André Luis de Oliveira Lopes. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

CÂMARA, Leonardo; HERZOG, Regina. A dúvida na neurose obsessiva: leituras freudianas. In: *Cadernos de Psicanálise (CPRJ)*. Rio de Janeiro, vol. 37, n. 32, p. 159-173, 2015.

CARREIRA, Alessandra Fernandes. *Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Lacan*. Psicologia USP, São Paulo, v.20, n.2, p. 157-171, 2009.

FREUD, Sigmund. *Neurose, Psicose, Perversão*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

\_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FLEIG, Mario; BELTRÃO, Conceição. A Neurose Obsessiva ou o Melhor dos Mundos. In: *Revista da associação psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre, n. 17, 1999.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Perseus Digital Library, Lewis & Short. 1879. Acesso em: <https://outils.bibliissima.fr/fr/collatinus-web/>.

LAZARINNI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo (2006). O Corpo em Psicanálise. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. Vol. 22, n. 2, p. 241-250, 2006.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, Manoel Antônio dos. A Transferência na Clínica Psicanalítica: a abordagem freudiana. In: *Temas em Psicologia*. Vol. 2, n. 2, p. 13-27, 1994.

SUY, Ana. *A gente mira no amor e acerta na solidão*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

SPILLIUS, Elizabeth Bott. Freud and Klein on the Concept of Phantasy. In: *Int. J. Psychoanal.* London, vol. 82, p. 361-373, 2001.

Recebido em: 02/2023  
Aprovado em: 04/2023